

DO SONHO À AÇÃO: O Teatro-Imagem como prática responsiva para
a transformação do mundo

IACÁ: *Artes da Cena*

ISSN 2595-2781

DO SONHO À AÇÃO

O Teatro-Imagem como prática responsiva para a transformação
do mundo

Letícia Rodrigues Frutuoso

Nádia Hellmeister Morali Barreira

IACÁ: Artes da Cena | Vol. VIII | n. 1 | ano 2025
ISSN 2595-2781

DO SONHO À AÇÃO

O Teatro-Imagem como prática responsiva para a transformação do mundo

FROM DREAM TO ACTION

Image Theatre as a Responsive Practice for the Transformation of the World

Letícia Rodrigues Frutuoso

leticiafrutuoso@gmail.com

Universidade de Campinas (UNICAMP)

Nádia Hellmeister Morali Barreira

nadiamorali@gmail.com

Universidade de Campinas (UNICAMP)

Resumo: Este artigo aborda o uso do Teatro-Imagem utilizado como parte de uma metodologia ativa de aulas de teatro, ministrada para não-atores, que tem suas bases teóricas e práticas enraizadas no Teatro do Oprimido (Augusto Boal) e na Pedagogia do Oprimido (Paulo Freire). As aulas são oferecidas em uma disciplina obrigatória de comunicação, para estudantes da graduação em medicina. As ações com Teatro-Imagem foram realizadas diversas vezes, em diferentes turmas, com o intuito de se identificar opressões e de buscar caminhos para enfrentá-las. Neste artigo, iremos apresentar três sessões de Teatro-Imagem. Queremos enfatizar que o Teatro-Imagem é uma ação potente para a transformação do mundo. Por isso, é fundamental conduzir tais processos com responsabilidade, para que estejamos sempre atentos/as em nos tornarmos aliados/as das pessoas oprimidas e não seus opressores.

Palavras-chave: Teatro-Imagem, Teatro do Oprimido, Racismo, Transformação do Mundo, Metodologia Ativa de ensino-aprendizagem

Abstract: This article discusses the use of Image Theater as part of an active methodology for theater classes taught to non-actors, which has its theoretical and practical bases rooted in the Theater of the Oppressed (Augusto Boal) and Critical Pedagogy (Paulo Freire). The classes are offered as part of a compulsory communication course for medical undergraduate students. Actions with Image Theatre have been carried out several times, in different groups, with the aim of identifying oppressions and seeking ways to tackle them. In this article, we will present three Image Theatre sessions. We want to emphasize that Image Theatre is a powerful action for transforming the world. That's why it's essential to conduct such processes responsibly, so that we are always attentive to becoming allies of oppressed people and not their oppressors.

Keywords: Image Theater, Theater of the Oppressed, Racism, World Transformation, Active Teaching-Learning Methodology

As aulas de teatro fazem parte de uma metodologia ativa de ensino-aprendizagem denominada MEET - Medical Education Empowered by Theater, a qual tem suas raízes no Teatro do Oprimido e na Pedagogia do Oprimido. Por isso, é pautada nos princípios da ética e da solidariedade. São oferecidas cinco aulas de teatro durante toda a graduação de medicina, de forma curricular, e têm o objetivo de desenvolver habilidades de comunicação - competência essencial para a atuação profissional dos/as futuros/as médicos/cas.

Em cada encontro, respeitamos a mesma estrutura: acolhimento dos saberes, jogos teatrais para aproximação com o tema proposto e desmecanização dos corpos, improvisações imediatas, seguidas por cenas teatrais que são criadas e apresentadas para os/as demais participantes da matéria. A aula é finalizada com uma roda de conversa, para que possamos refletir e analisar o que foi realizado no dia.

O Teatro Imagem é um dos recursos pedagógicos utilizados na quarta aula. Sendo assim, todos e todas já experimentaram diversos jogos, improvisaram, criaram e apresentaram cenas teatrais. Dois grandes desafios permeiam essas aulas, o primeiro é que são estudantes que não escolheram fazer teatro, o segundo é o tamanho de cada grupo, entre 30 e 40 participantes. As aulas são conduzidas por duas professoras de teatro e dois professores da área médica.

Teatro-Imagem: bases para ação

Teatro-Imagem é uma parte interdependente do Teatro do Oprimido, e consiste em um conjunto de jogos a serem utilizados no enfrentamento às opressões e criação de imaginários de um mundo mais justo e igualitário. O processo se dá ao criar imagens para representar situações opressoras que aconteçam no mundo real, seguida de imagens que representam sucessivamente um mundo sem opressões e maneiras de se construir esse mundo.

As técnicas do Teatro-Imagem são realizadas sem o uso da palavra, ou do debate dialógico, ou seja, de maneira estética, utilizando-se da modelação do próprio corpo e, a depender da

proposta, a modelação do corpo dos demais participantes. Por se tratar de uma prática voltada ao enfrentamento das opressões, rejeita “soluções mágicas”, como por exemplo, o uso de superpoderes, exigindo propostas ancoradas na realidade e viáveis em sua aplicação concreta.

O Teatro Imagem parte do pressuposto de que a arte é a de verdades por meio dos nossos aparelhos sensoriais. Essa técnica dispensa o uso da palavra para que seja possível o desenvolvimento de outras formas perceptivas que façam o uso do corpo, fisionomias, objetos, distâncias, cores, por exemplo. Utiliza-se da linguagem corporal para a compreensão dos fatos, problemas, pensamentos e sentimentos que estão por trás de determinada imagem. (Paro, 2018, p. 5).

De acordo com Augusto Boal (2009), pensamos e agimos por meio de duas formas - Sensível e Simbólica. As duas se complementam e são utilizadas para que possamos nos comunicar, a diferenciação está em como se realiza cada uma delas. O Pensamento Sensível é aquele que utilizamos quando estamos realizando uma criação artística (pintura, música, teatro, etc.), já o Pensamento Simbólico é o que utilizamos para falar, debater e dialogar.

Assim, por meio da investigação estética, utilizando-se do pensamento sensível, estimula-se a expressão de ideias e emoções, que conseqüentemente, promovem a escuta ativa, a concentração e a compreensão de diferentes perspectivas, favorecendo posteriormente o diálogo coletivo, ou seja, o Pensamento Simbólico (Santos, 2016, p. 263). Quando alguém expõe suas opiniões apenas de maneira verbal, nem sempre consegue abarcar todos os pormenores do que deseja comunicar, da mesma forma, o/a interlocutor/a nem sempre consegue compreender as sutilezas do que está sendo dito. No entanto, ao se criar uma imagem, ou uma cena teatral, é possível que tanto criador/a quanto interlocutor/a identifiquem as diversas camadas presentes no problema apresentado, abrindo-se para a experiência que passa a nos conectar de maneira mais abrangente, reconhecendo que todos os problemas são perpassados por nossa cultura e pelas opressões estruturais da sociedade.

A imposição de como muitos corpos são moldados, a restrição aos movimentos e gestos que seriam adequados, e até mesmo a monitorização do próprio imaginário; são reflexões que precisamos nos atentar cotidianamente. Helen Sarapec (2016, p. 122) argumenta que a repetição cotidiana de gestos, induzida por mecanismos repressivos e doutrinários, leva à sua naturalização, fazendo com que sejam percebidos como espontâneos, e não como construções sociais impostas.

A Estética do Oprimido existe para se contrapor à Estética do Opressor, que é a estética hegemônica e sistematicamente reproduzida para legitimar e perpetuar as estruturas socioculturais que beneficiam as classes dominantes. Desta forma, ao ignorar o contexto social, a Estética do Opressor tenta convencer os oprimidos de que os fracassos são suas responsabilidades individuais, e não parte de um sistema exploratório. Nesse contexto, a Estética do Oprimido permite a identificação e análise crítica de situações opressoras, incentivando a discussão coletiva e a tomada de posição frente à realidade (Santos, 2016, p. 135), ressalta-se a importância de tomar partido das pessoas oprimidas, pois a omissão diante da opressão pode favorecer as classes dominantes.

“A arte é inerente ao humano, e devemos usá-la para lutar contra a estética imposta pela mídia. A meta é usar a linguagem sensível para combater as opressões.” (Sarapecck, 2016, p. 49). Partindo dessa premissa, somos todos artistas e precisamos questionar as estruturas de poder, para então, propor a destruição dessas ideias implantadas como imutáveis e corretas. Como afirma Boal (2009, p. 160), o processo é essencialmente criativo: “exige a invenção de alternativas. Não basta ver o que é, mas principalmente o que pode vir a ser; ver o que não existe”.

Essa compreensão profunda é possível, pois acreditamos que o corpo é receptor e gerador de matérias que não cabem apenas no discurso. É no corpo que experienciamos o mundo, pelas nossas percepções subjetivas, nas experiências. Assim, “o vir a ser está intrinsecamente ligado à atuação do ser em tempo contínuo, no processo das ações, no criar e experienciar das ações.” (Barreira, 2024, p. 161).

O vir a ser, o futuro está em constante transformação e, portanto, construção. A mudança acontece no movimento, na ação. É preciso ponderar que a cultura não é fixa, estática, predeterminada. O discurso não basta para a compreensão e a criação de realidades. Há tempos vivemos em uma sociedade que prioriza o pensamento simbólico, e podemos perceber que essa escolha tem gerado poucas mudanças significativas nas relações de poder. Apostamos na agregação do pensamento estético como meio de rompimento das opressões e transformação da sociedade. Como será o mundo quando valorizarmos o pensamento estético?

Caminhos percorridos para chegar ao Teatro-Imagem

Até 2023, as aulas de teatro eram oferecidas aos estudantes do quarto semestre do curso. Desde 2024, passaram a ser oferecidas aos estudantes do primeiro semestre. Com essa mudança curricular, também foi necessária a mudança dos objetivos da disciplina, pois os/as estudantes ainda não tinham vivenciado a graduação e nem convivido algum tempo com profissionais atuantes. Ou seja, estudantes do quarto semestre percebiam e se conscientizavam de opressões de maneira diferente do que estudantes do primeiro semestre que estavam chegando à universidade.

Na primeira aula do curso, que tem como tema “Como iniciar uma conversa?”, propomos jogos para que os/as participantes se conheçam, tais como espelho (Boal, 2014, p. 192) e caminhada pelo espaço¹. É nesse encontro que propomos jogos de expressão não verbal, para que aos poucos, todos e todas possam ir percebendo que nos expressamos com o corpo todo, e não somente com o uso da palavra.

Na segunda aula, nossa proposta para trabalhar o tema é tanto pelo seu reforço quanto pela sua antítese. O tema é “Como deixar uma pessoa confortável?”, e são propostos os jogos de caminhada no espaço explorando o desequilíbrio e esculturas em coletivo (Boal, 2014, p. 202-204).

Na terceira aula, com o tema “Como fazer um plano coletivo?”, são explorados os jogos dos cegos, dentre eles, o “Vampiro de Estrasburgo” (Boal, 2014, p. 180). Além dos jogos, em todas as aulas, são criadas e apresentadas cenas teatrais.

O tema da quarta aula é “Como lidar com conflitos?”. Iniciamos os jogos com o “Círculo de Nós” (Boal, 2014, p. 118). Depois, os/as participantes são organizados em duplas e fazem o jogo de empurrar (Boal, 2014, p. 116). Sem uma pausa para conversar sobre os jogos, seguimos o fluxo, buscando nos manter no pensamento sensível, e fazemos o jogo Jana Cabana. E, finalmente, realizamos as propostas do Teatro-Imagem nesta sequência que explicaremos de maneira mais aprofundada a seguir:

¹ São possíveis muitas variações de caminhada no espaço. Para saber mais, consulte “Jogos para atores e não-atores”, (Boal, 2014, p. 124-128, 159, 190)

- Ilustrar um tema com o próprio corpo (Boal, 2014, p. 253-258): consiste na alteração do próprio corpo para representar um objeto, um tipo ou um/a personagem
- Cena 1 - Imagem Real (Boal, 2014, p. 258-259): consiste na criação de uma imagem que representa uma opressão
- Cena 3 - Imagem Ideal (Boal, 2014, p. 263-264): consiste na criação de uma imagem na qual se representa uma resolução da Cena 1 - Imagem Real. Na Cena 3 - Imagem Ideal, o objetivo é buscar uma imagem em que não exista mais opressões.
- Cena 2 - Imagem de Transição (Boal, 2014, p. 263-264): consiste na criação de uma imagem que representa as ações necessárias para que a cena 1 - Imagem Real se transforme na Cena 3 - Imagem Ideal.

Ilustrar um tema com o próprio corpo

Conduzimos esta parte do processo com todos os/as participantes em roda. Progressivamente vamos aumentando a complexidade das imagens criadas no próprio corpo, assim iniciamos pedindo que as pessoas utilizem seu próprio corpo para ilustrar um objeto, em seguida uma profissão, para depois chegar aos grupos sociais. Uma sequência possível seria: “luminária”, “médico/a”, “mulher”.

Para que as pessoas participantes criem imagens autênticas, sem influência mútua, orienta-se que todas/os posicionem-se de costas para o centro da roda. Em seguida é feita a proposta temática, então cada um/a modela seu corpo sem observar os demais. Por fim, viram-se simultaneamente para o centro, exibindo suas imagens para que os demais possam ver e serem vistos.

Nos jogos de “Ilustrar um tema com o próprio corpo”, geralmente realizamos propostas para discutir as perspectivas de gênero feminino/masculino, pois é uma opressão que sempre está presente nos grupos e é rapidamente identificada na realização desta técnica.

Então, após criarem imagens de objetos e profissões, pede-se para que criem em seus corpos a imagem do que é ser “mulher”, independente do gênero com o qual se identificam, e por fim, a imagem do que é ser “homem”.

Considerando o perfil dos participantes, graduandos de universidade pública, pressupõe que todos, sem exceção, já tenham refletido sobre as questões de feminismo e machismo. O que

nos leva a crer que no campo das ideias e no discurso, provavelmente todas as pessoas sejam feministas. Infelizmente, não é o que se observa nas imagens que representam mulheres e homens nos exercícios realizados nos últimos anos.

Em geral, as mulheres são representadas por imagens estereotipadas, nas quais estão preocupadas com a beleza. A minoria dos/das participantes representa as mulheres em funções de cuidado, e raramente, duas ou três pessoas representam mulheres fortes, ou realizando gestos de luta.

No entanto, quando se pede para criarem imagens de “homens”, ainda que estereotipadas, observam-se imagens de homens fortes ou de braços cruzados. Uma minoria representa em imagens homens folgados, grotescos ou que representem “valentões”, em gestos que parecem chamar outras pessoas para uma briga.

Ainda com os corpos representando imagens de homens, começamos uma reflexão a partir da criação estética. Pedimos ao grupo para que nomeiem adjetivos que melhor classificam o grupo de homens representados. Com algumas variações, eles são qualificados como: “fortes, confiantes, folgados, tranquilos (sem preocupações)”.

Para continuar a identificação das diferenciações dos gêneros, pedimos que se virem de costas e ao retornarem ao centro apresentem as imagens de “mulheres” que haviam criado anteriormente. E pedimos para que o grupo qualifique as imagens de “mulheres”. De forma constrangida, as pessoas dizem os adjetivos: “vaidosas, fúteis, cuidadoras, preocupadas”. Evidentemente, de grupo a grupo, surgem algumas variações como, “determinadas e corajosas”. Essa discrepância entre o discurso feminista assumido e as representações práticas revela a internalização profunda dos estereótipos de gênero.

Após desfazerem as imagens, questionamos se aquelas representações correspondem à sociedade que desejamos, e as respostas são unâimes: “não”. Se houvesse um debate exclusivamente verbal, as opressões de gênero provavelmente não seriam reveladas, no entanto, a criação estética - pelo pensamento sensível - expôs preconceitos que dificilmente seriam verbalizados. Verificamos nos corpos de cada pessoa do grupo, que o machismo ainda é uma

realidade. Relembramos que as representações são frutos de uma criação cultural, a qual estamos submetidos desde o nosso nascimento.

Diante dessa constatação, propomos a construção de um novo repertório imagético sobre feminilidade e masculinidade, conscientizando sobre esses preconceitos enraizados. O objetivo é desenvolver representações que efetivamente correspondam a um mundo verdadeiramente feminista.

Retomamos o jogo solicitando que as/os participantes criem novamente imagens de mulheres - agora representando como deveriam ser vistas socialmente. Ao se virarem para o centro vemos mulheres fortes, serenas, questionadoras. Na sequência, são construídas as novas imagens masculinas, nas quais, nenhum dos homens é representado de braços cruzados. Em geral, vemos imagens de homens em funções de cuidado doméstico e afetivo, mantendo a sensação de tranquilidade e confiança anteriormente apresentadas.

Concluimos, em diálogo, enfatizando a necessidade de ações coletivas contra as opressões de gênero - responsabilidade que deve ser compartilhada por todos os gêneros, não apenas pelas mulheres.

Cena 1 - Imagem Real

Uma pessoa se voluntaria para ser a criadora da cena, partindo de um tema de opressão, experimenta representá-lo utilizando os corpos de seus/suas colegas, modelando-os em ação. Por exemplo, ela tem a ideia de representar uma cena de violência contra uma criança, então ela escolhe uma pessoa para ser o/a agressor/a, uma pessoa para ser a criança e talvez mais algumas pessoas que assistem a cena ou possam ser aliadas tanto da pessoa que agride, como da que sofre a violência. Ao final da modelagem, temos uma cena estática que representa uma opressão.

A Cena 1 - Imagem Real, também não deve ser uma opressão sem possibilidade de resolução, ou seja, uma cena em que não haja como alterar o desfecho, como por exemplo, uma cena que representasse uma abordagem policial em que os mesmos já chegaram atirando, no

momento do tiroteio, não há nada que as vítimas possam fazer. Se o grupo quiser abordar o assunto precisará escolher imagens que antecedem esse desfecho.

Se for difícil para o grupo entender do que se trata a cena, pode-se intensificar as opressões por meio da própria modelagem física, detalhando gestos e expressões faciais. Destacamos que a/o participante deve compartilhar o tema da cena, mas não o enredo, ou os motivos que o fizeram escolher a opressão representada. Vale ressaltar que é importante investir na proposta estética, permitindo que todos, estudantes e professores sejam permeados e guiados pelo pensamento sensível.

Augusto Boal (2014) afirma que é essencial que o grupo entre em um consenso sobre a clareza das imagens criadas, o grupo deve sempre ser consultado, e a imagem pode ser alterada gradativamente, já que se almeja uma compreensão coletiva do tema.

[É] importante que a pessoa [que está] construindo a imagem trabalhe rápido, para que não seja tentada a pensar com palavras (linguagem verbal) e então traduzir palavras em imagens (linguagem visual). As imagens não devem ser uma tradução, mas o próprio original. Do contrário serão pobres, como ocorre em qualquer tradução, que empobrece o original. (Boal, 2014, p. 259)

Cena 3 - Imagem Ideal

Após a construção da Cena 1, partimos para a criação da Cena 3. Neste momento pedimos para que os/as participantes alterem a imagem da Cena 1, a fim de que se apresente uma cena em que a opressão não exista mais. Pedimos que se ative a prática da imaginação, visualizando uma transformação da situação, buscando-se um mundo com mais equidade de direitos e respeito, ainda que essa realidade possa parecer distante, até mesmo, utópica.

O/A professor/a conduz a atividade dizendo que todas as pessoas podem alterar a imagem da Cena 1 (Imagem Real), criando coletivamente a Cena 3 (Imagem Ideal). É preciso ressaltar que os/as estudantes não caiam na “armadilha” de falar, é preciso agir. Uma pessoa de cada vez altera a imagem representada, e, em todas as modificações, é necessário verificar se todos e todas compreenderam e concordam com a nova situação representada. Pode ser que mais de uma imagem de Cena 3 seja criada, então, neste caso, pede-se para que o grupo decida qual é a mais adequada, ou mesmo, que criem uma outra imagem, utilizando partes das imagens anteriores;

Boal (2014, p. 264) define essa imagem como “modelo ideal no qual a opressão tenha sido eliminada e que todos, dentro desse modelo ideal, cheguem a um equilíbrio plausível; uma situação que não seja opressiva para nenhum dos personagens”.

Cena 2 - Imagem de Transição

Nesta terceira etapa do jogo, será criada a imagem de transição entre a Cena 1 (Imagem Real) e a Cena 3 (Imagem Ideal). A Cena 2 se cria da mesma forma que as anteriores, em ação e de maneira colaborativa, verificando se todos e todas estão de acordo; se alguém discordar da proposta, deve mudar a imagem representada, apresentando uma nova imagem. A cena 2, portanto, é a representação do caminho para a resolução do problema, um plano de ação para se chegar na Cena 3 (Imagem Ideal), para tornar o sonho possível de ser alcançável.

Encerramos os jogos do Teatro-Imagem pedindo aos atores e atrizes que estão em cena para realizarem as movimentações necessárias para transitar entre as três cenas. Dessa forma, vemos a representação dos acontecimentos em sequência temporal: Cena 1, Cena 2 e Cena 3.

Teatro Imagem: Sonhando Futuros

A seguir, relataremos três experiências com o Teatro-Imagem: 1- Experiência de Teatro-Imagem sem palavras, 2 - Teatro-Imagem para abordar o Racismo e 3 - Teatro-Imagem para abordar o assédio no ônibus. As ações 1 e 3, foram realizadas no quarto semestre, com aproximadamente 30 pessoas e, a experiência 2, sobre racismo, foi realizada no primeiro semestre do curso, com 40 pessoas.

Uma experiência com Teatro-Imagem sem palavras

Nesse encontro foi feita a tentativa radical de não usar nenhuma explicação ou palavra para a criação das três imagens. Dessa forma, depois que a estudante voluntária criou a Cena 1, nos arriscamos a seguir, sem falar, para a criação da Cena 3. Algumas pessoas foram alterando o modelo e no momento do questionamento sobre o consenso em relação à resolução revelou-se um impasse metodológico: como a opressão representada na Cena 1 não estava explicitada, era

impossível avaliar se a Cena 3, realmente representava a sua resolução. Essa constatação evidenciou a impossibilidade de se realizar o Teatro-Imagem sem nenhuma palavra, era necessário verbalizar ao menos o tema. Diante disso, solicitamos à autora da primeira imagem que revelasse o tema, que no caso era *bullying*, o que nos permitiu avançar na exploração de outras possibilidades de solução.

Os atores e atrizes que foram escolhidos para representar a imagem falaram que estava difícil sustentar o modelo (Cena 1) sem saber os objetivos dos personagens que representavam. Após essa experiência, constatamos que para as atrizes e atores em cena, é essencial saberem os papéis que representam, para que possam sustentar as ações propostas. Naquele dia, ao tomarem conhecimento de seus papéis, os atores e atrizes em cena puderam intensificar suas ações.

Mesmo que a proposta para o Teatro-Imagem seja a de não utilizar as palavras, desde aquele dia, compreendemos que, para esta atividade, é mais proveitoso que, quando a Cena 1 for concluída, o tema seja compartilhado com todas as pessoas - ressaltando que a palavra seja usada somente quando for imprescindível.

Uma experiência com Teatro-Imagem para abordar o Racismo

Naquele dia, o grupo de estudantes estava bastante participativo. Em roda, pedimos que uma pessoa fosse voluntária para criar a Cena 1 - que representasse uma opressão. Primeiramente ela construiu a imagem, e somente depois disse que o tema era racismo. Ninguém conseguiu enxergar essa opressão na imagem construída. Foi pedido que ela intensificasse a opressão. A estudante alterou a imagem, sem explicar os papéis de cada pessoa. A imagem tinha três delimitações espaciais: o lado direito, o centro e o lado esquerdo. Em cena tinham 8 atores e atrizes dispostos da seguinte maneira: do lado esquerdo da imagem, uma atriz negra, e uma atriz branca; ao centro, duas pessoas brancas sentadas lado a lado no chão; e, do lado direito, duas mulheres brancas juntas, um homem branco e um homem negro.

Infelizmente, continuamos sem compreender, e foi então que pedimos que ela nos explicasse somente o que estava representado. A estudante, uma mulher negra, explicou que a imagem representava uma rua, com duas calçadas laterais. Na parte central passava um carro com

duas pessoas sentadas. Na calçada da esquerda, a mulher branca tentava atravessar a rua, pois uma pessoa negra estava caminhando na direção dela. Na calçada da direita, as mulheres brancas mais à frente, apontavam para a situação, pois tinham compreendido o racismo. Ainda na calçada da direita, os outros homens branco e negro caminhavam separadamente na calçada, ambos voltados para a frente.

Após a explicação, ficou evidente do que se tratava e passamos a construir em coletivo a Cena 3 - a imagem que representaria um mundo sem opressões, isto é, um mundo sem racismo. Várias pessoas vieram para alterar a imagem, mas não conseguimos chegar a uma imagem que contemplasse o objetivo. O racismo impresso nos corpos não se desfazia ao modelar e remodelar a imagem.

O jogo demorou quase uma hora, as pessoas da imagem ficaram exaustas, seus corpos já não representavam o vigor do começo. Dentre os demais participantes, em torno de cinco pessoas ficaram envolvidas até o final, o restante, em sua maioria pessoas brancas, passaram a ignorar o jogo, ou porque a temática não tivesse importância para elas ou porque simplesmente estavam desinteressadas no jogo, não sabemos. Duas estudantes negras, que só observaram desde o começo, começaram a demonstrar o evidente descontentamento com a atividade.

Nós, as propositoras, somos mulheres brancas, e a postura dessas estudantes nos auxiliou a perceber que tínhamos que finalizar o jogo. Tentamos de várias formas motivar para que as pessoas participassem mais, para que juntos tentássemos criar essa imagem de futuro, falamos sobre o racismo estrutural, citamos as violências policiais cometidas contra o povo negro, falamos sobre a forma como as mulheres negras sofrem cotidianamente violências em atendimentos médicos, mas ficamos com a sensação de que os/as participantes não se mobilizaram coletivamente.

Encerramos com uma Cena 3 que não satisfazia a todos, podendo ser descrita da seguinte maneira:

Na calçada da esquerda, a garota negra levanta a mão numa postura de dizer “pare” para a mulher branca que agora, não mais atravessava a rua, e observava. Na calçada da direita, as duas mulheres brancas se juntavam para filmar o ocorrido e tentavam constranger a mulher que cometia o crime de racismo. O homem branco parava sua caminhada e olhava para trás para comentar o ocorrido com o homem negro, que agora estava acompanhado de mais dois amigos.

Os corpos das pessoas na imagem diziam o que é evidente numa sociedade de falsa “democracia racial” e racismo estrutural. O jogo foi intenso, e ao final foi possível verificar que enquanto as duas pessoas negras em cena, estavam cabisbaixas, evidentemente incomodadas, as pessoas brancas em cena pareciam seguras, já que pertencentes à classe dominadora, aparentemente não estavam abaladas. Acabamos o jogo, buscando uma interlocução sobre o que estávamos percebendo, mas a participação dos/das estudantes foi demasiada tímida, para não dizer nula.

Após essa aula, nós, professoras, percebemos que deveríamos ter encerrado o jogo antes de expor aqueles participantes negros. Ao tentar fazer uma criação de um futuro sem racismo, acabamos por expor justamente as pessoas oprimidas dentro do grupo. A sensação foi de que o racismo não só foi representado, mas também foi apresentado, isto é, o racismo estava presente não somente na situação ficcional, mas também na realidade da sala de aula, nos corpos dos atores e demais participantes. Certamente, essa não foi a nossa intenção. Por isso, decidimos problematizar e refletir sobre a nossa condução para não cometermos novamente o mesmo erro.

Nossa preocupação era (e ainda é) de não propiciar “que as opressões fossem reproduzidas em vez de representadas no teatro” (Leal, 2016, p. 117), talvez, esse processo possa se dar pela “falta de preparo técnico e de envolvimento dos atores e curingas com o debate político das questões” apresentadas (*ibidem*).

Em um ambiente, que mesmo com a implementação das cotas raciais, ainda tenha predominância de pessoas brancas, principalmente nas posições de poder, o racismo acontece, e não somente de forma escancarada, mas de maneiras sutis. O sentimento de não pertencimento paira no ar, e reconhecer tal violência é difícil e doloroso, tanto para os opressores quanto, de modo ainda mais intenso, para os oprimidos.

Não se trata apenas de discursar sobre situações de opressões, mas, ao trazer a imagem de violência para o próprio corpo, de certa forma, correr o risco de rememorar esta e outras violências parecidas.

Alessandro Conceição (2016), explica o quanto foi difícil instituir no próprio Centro do Teatro do Oprimido (CTO), um grupo exclusivamente de pessoas negras para criarem esteticamente e combaterem o racismo. Porque, “o mundo do Teatro do Oprimido revela-se, entre os e as Curingas, essencialmente branco.” (Conceição, 2016, p. 103). O grupo recebeu o nome “Cor do Brasil”, e Alessandro Conceição relata que

sendo um grupo de negros e negras, passamos a ter um espaço privilegiado de discussão e pesquisa antirracista. Passamos a entender, a partir dos meios estéticos, as nuances racistas que negros e negras enfrentam ao longo da vida. Territorialidade, mitos, estereótipos da negritude brasileira, miscigenação, mitologia da democracia racial e ESTÉTICA negra passaram a ser temas do grupo. Passamos a compreender o quão difusa é a percepção das desigualdades raciais no Brasil. Por um lado, extremamente objetivas, com exemplos concretos e irrefutáveis, como os percentuais de presença de afrodescendentes nos postos de poder, no sistema penitenciário, no trabalho informal, na classe média, nas universidades, na mídia, nas artes. Por outro lado, um problema invisibilizado enquanto questão nacional, através de mecanismos socioculturais e midiáticos que mascaram, minimizam e até negam a existência de qualquer desigualdade racial. Discutir tudo isso não foi nem é fácil, pois durante todo o processo do Grupo esbarramos no fatalismo que é, para negros e negras, enfrentar o racismo. (Conceição, 2016, p. 105)

Diante disso, podemos afirmar que as opressões estruturais na sociedade demandam mais criação estética e mais diálogo. É preciso enfatizar que o problema do racismo na instituição não é das pessoas negras, e sim das pessoas brancas que se mantém no poder e não falam sobre isso. De que a Cena 3 (Imagem Ideal) representava naquele dia o fatalismo, por vários motivos: um grupo majoritariamente composto por pessoas brancas, conduzido por professoras brancas (Curingas) e que não teve mais encontros para que fosse possível encontrar os meios de continuar falando sobre isso esteticamente.

Uma experiência com Teatro-Imagem para abordar o assédio no ônibus

Esta última experiência que vamos relatar é um convite para sonhar e construir juntos um mundo sem opressões. A sessão começou como das outras vezes. Desta vez, uma participante decidiu representar um assédio sexual, contra uma mulher, em um ônibus.

Na Cena 1 (Imagem Real) haviam 6 cadeiras dispostas em três fileiras, cada qual com duas cadeiras, que representavam uma das laterais de passageiros de um ônibus. Na primeira dupla de assentos, sentam-se dois homens; nos assentos intermediários, um homem está sentado ao lado da janela, e uma mulher no assento do corredor; um homem, em pé, no corredor, coloca a mão no ombro da mulher que está sentada, a qual expressa repulsa por essa ação; nos últimos dois assentos, uma mulher está sentada no assento ao lado da janela e, no assento do corredor, um homem está sentado com as pernas abertas, de forma a invadir o corredor e o espaço do assento ao lado. Há ainda mais uma mulher no corredor do ônibus, ela está localizada à frente e próxima aos primeiros assentos, ela mexe em um celular e parece alheia às opressões representadas na imagem.

Para a construção da Cena 3 (Imagem Ideal), haviam duas opressões a serem resolvidas, a do homem da última fila, e a do homem no corredor que assediava a mulher sentada. Uma pessoa alterou a cena, fechando as pernas do homem sentado no último assento. Logo começaram os comentários de que isso não aconteceria no mundo real, e, mesmo sabendo que não devemos utilizar a fala, logo estávamos debatendo e fazendo sugestões.

Assim, como professoras, orientamos o grupo de que todas as ideias precisariam ser testadas na imagem, mesmo que elas parecessem irreais, utópicas, ou que ainda não fosse possível enxergar os caminhos para se chegar naquela solução no mundo real. Percebemos, como professoras, que fomos convocadas, naquele dia, a um pedido: sonhar.

A estudante Sabrina [nome fictício] que participou dessa experiência, escreveu a seguinte reflexão (grifos nossos):

A cena do ônibus e do caso de assédio me trouxe várias reflexões. Acho que a constante lembrança, por parte das professoras, de que a cena final deveria ser o que imaginamos como “mundo perfeito” é bem interessante. Penso muito sobre como uma das principais bases da existência humana é a esperança. Se deixamos de acreditar e ver propósito no que quer que fazemos, é tudo em vão. Uma pessoa sem sonhos é uma pessoa morta em vida. E ser lembrada disso nas aulas é lembrar que o que conhecemos como utopia pode simplesmente ser um futuro possível, além de só residir no campo das possibilidades inalcançáveis.

Na nossa cena 3 do ônibus, os homens passageiros também se revoltaram com o caso de assédio e defenderam a menina assediada. Hoje, infelizmente, não vejo isso como uma realidade possível.

Como dito nessa mesma aula, “toda mulher conhece outra mulher que já foi abusada, mas nenhum homem conhece um homem que já abusou”. No [último] mês (...) eu pensei muito sobre como, em qualquer ocasião, homens só

protegem homens. E nós, mulheres, somos “nós por nós mesmas”. Ver a cena 3 acontecendo me levou a reflexões de que, talvez um dia, com muito trabalho de base e educação não sexista desde o berço, isso possa mudar. (Sabrina apud Frutuoso, 2024, p. 69)

Ainda não vemos, nos dias de hoje, a Cena 3 (Imagem Ideal) proposta por aquele grupo, ser realizada em transportes coletivos, mas conseguimos juntos imaginar e construir um caminho para se modificar essa situação.

Com a Cena 3 definida, a imagem de transição foi construída de forma orgânica. Como num movimento ensaiado, chegou-se a uma imagem que representava os passageiros da frente se levantando, o assediador se surpreendia e levantava o braço, o que chamava a atenção dos demais passageiros, fazendo com que a mulher do corredor olhasse para a cena, e que o passageiro do último assento fechasse as pernas. Parecia que, quando alguém decidiu tomar uma atitude, o assédio ficou em foco e as outras pessoas se movimentaram.

No fim da atividade, a estudante que propôs a primeira imagem disse que colocou a mão do homem no ombro da mulher para representar assédios piores que acontecem nos transportes públicos, e, não queria colocar nenhum/a das/dos colegas nessas posturas tão violentas, o que não era necessário para se compreender e se trabalhar com a opressão. Após a sessão, dedicou-se um tempo para falarmos sobre esses acontecimentos e da importância que os homens têm como aliados ao feminismo e a construção de um mundo com equidade de gênero.

Gostaríamos de reforçar a importância de sonhar e criar novos futuros, para que a gente transforme, juntos, sonhos em realidade. Reforçando as palavras de Sabrina: “uma das principais bases da existência humana é a esperança. Se deixamos de acreditar e ver propósito no que quer que fazemos, é tudo em vão. Uma pessoa sem sonhos é uma pessoa morta em vida”.

Transformar sonhos em realidade

Nossas experiências pedagógicas revelam a urgência de examinar criticamente os imaginários. Constatamos como nossas subjetividades são colonizadas pelas narrativas das classes dominantes - o que Boal (2009) denomina "invasão de cérebros". Esse reconhecimento nos coloca

diante de um duplo desafio estético-político: compreender as opressões e enfrentar nossa ambivalência como potenciais opressores e oprimidos.

Como alerta Freire (2005, p. 35), a ausência de consciência crítica nos condena a reproduzir "modelos já conhecidos, mesmo discordando". O Teatro do Oprimido se afirma precisamente nesse território de ação política transformadora, convidando a todos e todas a refletirmos sobre nossos pensamentos e ações diárias e então, incorporarmos a possibilidade real de mudança.

Ao falar esteticamente sobre as opressões e introjetar que é nossa responsabilidade transformar o que não está de acordo com nossos ideais, não temos outra saída, a não ser agir, passando de espectadores para atores. Essa perspectiva dialoga diretamente com o conceito freireano de "esperançar", no qual Freire (2005) propõe uma esperança ativa, não como mera expectativa, mas como engajamento concreto na transformação do mundo. O relato da estudante Sabrina, em sintonia com essa ideia, exemplifica como nossas aulas de teatro buscam constituir espaços de sonho e construção coletiva de mundos possíveis - mais justos e igualitários.

Referências

BARREIRA, Nádia Hellmeister Morali. **Processos de atuação a partir da simulação de consultas médicas: a arte e a cura**. 2024. 1 recurso online (187 p.) Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Instituto de Artes, Campinas, SP. Disponível em: DOI: <https://doi.org/10.47749/T/UNICAMP.2024.1489500>. Acesso em: 20 mar. 2025.

BOAL, Augusto, **A estética do Oprimido**, Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

BOAL, Augusto, **Jogos para atores e não atores**, 16a ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

CONCEIÇÃO, Alessandro. **Uma estética negra para o combate ao racismo!** *Metaxís*, Rio de Janeiro, n. 8, p. 102-106, 2016. Publicação do Centro de Teatro do Oprimido. Disponível em: <https://www.ctorio.org.br/home/publicacoes/>. Acesso em: 25 mar. 2025.

FREIRE, Paulo, **Pedagogia do Oprimido**, São Paulo: Paz e Terra, 2005.

FRUTUOSO, Leticia Rodrigues. **O Teatro do Oprimido e a metodologia MEET (Medical Education Empowered by Theater): caminhos possíveis para identificar opressões na formação médica**. 2024. 1 recurso online (228 p.) Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Faculdade de Educação, Campinas, SP. Disponível em: DOI: <https://doi.org/10.47749/T/UNICAMP.2024.1406211>. Acesso em: 20 mar. 2025.

LEAL, D. **FRICÇÕES TEÓRICO-PRÁTICAS DO TEATRO DO OPRIMIDO NA CONTEMPORANEIDADE: por uma pedagogia teatral da aproximação.** Arte da Cena (Art on Stage), Goiânia, v. 2, n. 2, p. 114–127, 2016. DOI: 10.5216/ac.v2i2.36028.

PARO, César Augusto e SILVA, Neide Emy Kurokawa. **TEATRO DO OPRIMIDO E PROMOÇÃO DA SAÚDE: TECENDO DIÁLOGOS.** Trabalho, Educação e Saúde [online]. 2018, v. 16, n. 2. DOI: <https://doi.org/10.1590/1981-7746-sol00110>.

SANTOS, Bárbara, **Teatro do Oprimido: Raízes e asas - uma teoria da práxis**, Rio de Janeiro: Ibis Libris, 2016.

SARAPECK, Helen Ribeiro Pinto, **Abraçando a árvore do Teatro do Oprimido: pesquisa e memorial de experiências com o símbolo do método**, Dissertação de mestrado, Orientador: Prof. PhD. José Luiz Ligiéro Coelho (Zeca Ligiéro) e Co-Orientador: Prof. Dr. Noeli Turle da Silva (Licko Turle). Rio de Janeiro: UNIRIO, 2016. Disponível em: <https://www.unirio.br/cla/ppgeac/dissertacoes-defendidas-em-2016/abracando-a-arvore-do-teatr-o-do-oprimido-pesquisa-e-memorial-de-experiencias-com-o-simbolo-do-metodo>. Acesso em 20 de fev. de 2025.

Artigo submetido em 29/07/2020, e aceito em 30/12/2020.